

**INSTITUTO ENSINAR BRASIL
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOCTUM DE TEÓFILO OTONI**

BRUNA ALVES DE MELLO PEREIRA

**INCLUSÃO DA MULHER COMO ENGENHEIRA CIVIL
NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL**

**TEÓFILO OTONI
2019**

BRUNA ALVES DE MELLO PEREIRA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOCTUM DE TEÓFILO OTONI

**INCLUSÃO DA MULHER COMO ENGENHEIRA CIVIL
NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Engenharia Civil
do Centro Universitário Doctum de Teófilo
Otoni, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Engenharia Civil.**

Área de Concentração: Engenharia Civil

Orientador: Prof. Keytiane Iolanda Moura

**TEÓFILO OTONI
2019**



FACULDADES UNIFICADAS DE TEÓFILO OTONI

FOLHA DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Inclusão da mulher como engenheira civil no setor da construção civil, elaborado pelos alunos Bruna Alves De Mello Pereira, e , foi aprovado por todos os membros da Banca Examinadora e aceito pelo curso de Engenharia Civil das Faculdades Unificadas Teófilo Otoni, como requisito parcial da obtenção do título de

BACHAREL EM ENGENHARIA CIVIL

Teófilo Otoni, 10 de dezembro de 2019

Keytiane Iolanda Moura

Glaucimar Lima Dutra

Raphael Neves de Matos

INCLUSÃO DA MULHER COMO ENGENHEIRA CIVIL NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Bruna Alves de Mello Pereira

Instituto Ensinar Brasil - Centro Universitário Doctum de Teófilo Otoni – MG, Brasil,
mbrunaalves1@gmail.com

RESUMO

Esse artigo discute a feminização do setor da engenharia civil, analisando os desafios do processo de inclusão da engenheira civil em um segmento de predominância masculina. O objetivo geral dessa pesquisa foi verificar como ocorre o processo de construção da identidade profissional das engenheiras, imbricados em práticas de assédio moral e sexual, além da discriminação de gênero no meio profissional. Uma pesquisa qualitativa, que utilizou como ferramenta a análise e comparação de artigos científicos já publicados pela comunidade científica brasileira no período de 2009 a 2019. Após a análise dos resultados encontrados, pode-se concluir que a participação das mulheres que atuam no setor é marcada pelo comportamento machista e hostil dos colegas de trabalho do sexo masculino. Não obstante, a necessidade de fazer escolhas entre a vida profissional, vida pessoal e a maternidade é comum na vida da engenheira civil que quer ocupar posições de destaque no mercado de trabalho.

PALAVRA CHAVE: construção civil, feminização na engenharia, relações de trabalho, assédio de gênero.

ABSTRACT

This article discusses the feminization of the civil engineering sector, analyzing the challenges of the process of including the civil engineer in a male-dominated segment. The general objective of this research was to verify how is the process of construction of the professional identity of female engineers, involved in practices of bullying and sexual harassment, as well as gender discrimination in the professional environment. A qualitative research, which used as a tool the analysis and comparison of scientific articles already published by the Brazilian scientific community from 2009 to 2019. After analyzing the results, it can be concluded that the participation of women working in the sector is marked. by the macho and hostile

behavior of male co-workers. Nevertheless, the need to make choices between work, personal life and motherhood is common in the life of the civil engineer who wants to occupy prominent positions in the job market.

KEYWORDS: construction, feminization in engineering, work relationships, gender harassment.

1 INTRODUÇÃO

Os últimos anos foram marcados por importantes transformações econômicas que alteraram a estrutura do mercado de trabalho brasileiro. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2018), após a crise econômica de 2008, houve a retomada do crescimento econômico brasileiro nos anos subsequentes.

A construção civil, junto com o setor da Agricultura e Terciário, é hoje um dos maiores responsáveis pela geração de emprego no país (IBGE, 2018). Esse setor tem grande importância para a economia do país tanto pela geração de empregos diretos e indiretos, quanto pela contribuição do desenvolvimento de outros setores.

Considerando que o setor da construção civil é um dos maiores responsáveis pela geração de empregos no país – tanto direto quanto indireto – mesmo em períodos de crise ou de crescimento econômico, esse setor responde pelas elevadas taxas na geração de postos formais e é considerado por todos como uma luz no fim do túnel em momentos de crise. Segundo Lombardi (2009), a engenharia é um dos setores que vem apresentando aumento da atividade feminina, não se restringindo apenas ao público masculino.

A participação das mulheres no setor da construção civil ainda é tímida. São poucas as vezes que se encontram mulheres trabalhando em funções até então designadas ao sexo masculino, mas essa participação vem crescendo gradativamente. Aos poucos, elas estão conquistando seu espaço, visibilidade e ocupando lugar de poder, lutando contra o patriarcado e deixando de lado o rótulo de sexo frágil.

Mesmo diante desses avanços, na maioria das vezes, quando uma mulher conquista seu espaço nesse setor, os cargos ocupados por elas geralmente são destinados a setores considerados menos masculino, e quando ocupam algum cargo de poder, sofrem com o machismo, assédio moral, de gênero e sexual. Caso exerçam cargos de chefia, somente serão respeitadas se agirem dentro do código de conduta masculino, sem ofender, gritar ou mandar explicitamente.

Diante de todo o processo de mudança pelo qual vive a sociedade do século XXI, as mulheres foram uma das mais afetadas, mudando significativamente sua postura e forma de pensar sobre os papéis sociais no qual se encaixam homens e mulheres. A mudança na relação com sua auto percepção, conhecimento e poder de decisão foram cruciais para mudar a forma de pensar a partir de referências de cidadania e empoderamento (LOMBARDI, 2017).

Nos últimos anos, houve um aumento de debates públicos e acadêmicos sobre a definição do papel da mulher na sociedade e no mercado de trabalho, principalmente referidos a discriminação por gênero (SERPA, 2010). Em determinados casos, há discussões sobre a vida e corpo das mulheres, uma injusta divisão de tarefas e o recebimento do salário diferente dos trabalhadores do sexo masculino, mesmo exercendo exatamente o mesmo papel.

Buscando promover a inclusão de todas as raças e gêneros no mercado de trabalho, a comunidade científica brasileira aquece o debate sobre conhecer e identificar eventuais transformações no conteúdo, nas relações e condições de trabalho comparativamente aos primeiros anos do milênio. Esse interesse lento, porém, contínuo, está refletida nas produções ligadas ao tema.

Este estudo pretende apresentar uma revisão bibliográfica de produções científicas nacionais que abordam a temática da inclusão da mulher no setor da construção civil. A revisão tem por objetivo rastrear os principais motivos que impedem uma inclusão maior da mulher nesse setor e procurar identificar os fatores ligados a discriminação de gênero que dificultam a vida profissional após ela estar inserida no mercado de trabalho.

Com as informações levantadas, foi realizado uma compilação e comparação das produções encontradas, apresentando os resultados por meio do gráfico “nuvem de palavras” através das informações retiradas dos artigos com o auxílio da plataforma Wordle.

A escolha desse tema deu-se pela compreensão da dificuldade pelas quais as profissionais graduadas em engenharia civil passam, tanto no momento das duas escolhas por seguir essa área, mas também no momento em que optam por atuar em um campo específico dessa profissão, que tem o estereótipo de ser machista e sexista.

Após a análise das informações obtidas, é possível afirmar que a construção da identidade profissional do engenheiro/a se forma incorporando práticas de assédio moral e sexual, camufladas em padrões de conduta e comportamento. De uma forma geral, tanto os engenheiros, quanto as engenheiras não reconhecem essas práticas de forma explícita, identificando-as como "comuns" para o tipo de atividade exercida, e assim acabam minimizando esse tipo de conduta.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica realizada através de análise de artigos científicos já publicados pela comunidade científica brasileira para analisar, interpretar, identificar e compilar dados do que já se produziu sobre esse tema. Segundo MIOTO (2007), a pesquisa bibliográfica se dá por um procedimento metodológico que se oferece ao pesquisador como uma possibilidade na busca de soluções para seu problema de pesquisa.

Os trabalhos pesquisados foram compreendidos no período 2009 a 2019. O período se dá pelo fato de na última década, os debates acadêmicos e políticos sobre a discriminação por gênero no mercado de trabalho terem ganhado mais força e visibilidade.

Em um primeiro momento, realizou-se uma revisão bibliográfica das produções científicas de inclusão da mulher no setor da construção civil no Brasil através de um levantamento na biblioteca eletrônica SciELO e no Google Acadêmico, que contemplam uma ampla compilação de artigos e estudos científicos com procedência acadêmica.

Essas buscas em diferentes plataformas buscam analisar, compilar e comparar as publicações que tenham como questão principal a inclusão da mulher no mercado de trabalho e as dificuldades sofridas durante e após esse processo de inclusão. Posteriormente, foi elaborado um quadro apresentando os resultados e discussões.

A análise de dados foi realizada seguindo as técnicas de Análise de Conteúdo. Para Bardin (2011), o termo análise de conteúdo designa:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

Através da coleta, tratamento e interpretação dos dados, foi possível analisar as relações e condições de trabalho da mulher no setor da construção civil.

Para auxiliar na apresentação dos resultados e ilustrar o grau de frequência dos termos utilizados em cada dissertação, será elaborada uma nuvem de palavras por critério de repetição e posição no contexto das outras palavras, com o auxílio da plataforma Wordle.

2.1 Classificação da pesquisa

O artigo se classifica como uma pesquisa qualitativa, pois o objetivo principal é buscar o porquê das coisas, sem quantificar valores e sem provas de fato. Os dados analisados não são numéricos e se baseiam em diferentes abordagens

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização.

Dada às características desta investigação, é adequado classifica-la como exploratória, pois o ponto de partida foram suposições obtidas através de uma revisão bibliográfica em literaturas publicadas pela comunidade científica brasileira sobre o tema encontradas na biblioteca eletrônica Google Acadêmico.

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Como o artigo foi desenvolvido utilizando material já publicado, especialmente artigos científicos, a pesquisa tem natureza exclusivamente bibliográfica. De acordo com Fonseca (2002), pesquisa bibliográfica define-se por:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

2.2 Coleta de dados

De acordo com Hutchinson (2018), pesquisa secundária é a síntese de informações e dados que já foram coletados por outras fontes. Como o presente artigo tem por objetivo relacionar e discutir informações já apresentadas, o conceito final do artigo se baseia em dados secundários.

O método utilizado para a coleta de dados foi a análise documental, que compreende a análise de documentos existentes, resultantes de estudos e/ou pesquisas realizados com outros propósitos, cujos dados se ajustam à questão de pesquisa proposta (FLICK, 2009). A coleta de dados para a elaboração do artigo foi feita através do levantamento, seleção e fichamentos das

informações retiradas de artigos científicos encontrados no Google Acadêmico, utilizando as palavras chave “construção civil” + ”feminização na engenharia” + ”relações de trabalho” + "assédio de gênero", publicados pela comunidade científica brasileira no período de 2009-2019.

2.3 Análise de dados

Após a coleta dos dados, foi elaborado um quadro comparativo obtendo as informações necessárias obtidas nos trabalhos acadêmicos analisados, a fim de buscar entender como é o processo de inclusão e vivência da profissional no setor da construção civil, pelos olhos de diferentes autores.

2.4 Plataforma Wordle

Com a ajuda da plataforma Wordle, será elaborado gráfico nuvem de palavras para ilustrar o grau de frequência dos termos utilizados em cada dissertação. O wordle é uma plataforma online onde é possível gerar nuvens de palavras a partir de textos fornecidos. Silva (2013) define como nuvem de palavras como uma ferramenta virtual que dá maior destaque a palavras que aparecem mais vezes no texto.

O Wordle é uma plataforma online que contém uma ferramenta destinada à criação de nuvens de palavras (gráfico digital). Esse gráfico é formado por palavras de vários tamanhos e cores, conforme a sua relevância dentro de um texto.

Para criar o gráfico, é necessário acessar o link <http://www.wordle.net/create>, em seguida, importar o texto desejado para que seja submetido a análise. Quanto maior a frequência da palavra no texto, maior será o destaque da palavra.

Para a elaboração do gráfico, o presente artigo foi submetido ao procedimento para analisar o conteúdo das dissertações nos aspectos assédio moral, assédio sexual, feminização, engenharia civil, discriminação de gênero e empregos formais para identificar os temas mais relevantes por meio da recorrência, destaque e posições das palavras em comparação com as demais palavras.

Demonstrando a ênfase de alguns aspectos, será possível analisar quais as palavras mais relevantes utilizadas na elaboração do artigo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Construção Civil no Brasil

O setor da construção civil tem uma grande importância econômica para o país, não apenas pela quantidade de recursos financeiros que felizmente mobilizam a geração de empregos formais, mas também por sua capacidade de contribuir com o desenvolvimento de outros setores. Esse dinamismo é capaz de mover a economia, especialmente a indústria de transformação, que é o tipo de indústria que transforma matéria-prima em um produto final.

No âmbito das Contas Nacionais, o IBGE inclui a construção civil na contagem do setor industrial, junto com a de transformação, produção e distribuição, extrativa mineral, eletricidade, gás, água e limpeza urbana. O setor industrial é responsável por cerca de 25% do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro, e junto com a Agricultura e o Setor Terciário (comércio e serviços), sustentam a economia do País.

O setor indústria funciona como um termômetro para a economia. Se ele vai mal, a economia vai mal, se ele vai bem, a economia ascende, logo, os setores industriais e produtivos contribuem significativamente para a ascensão da economia, de forma a gerar emprego, e, conseqüentemente, o aumento de renda das famílias (TEIXEIRA; CARVALHO, 2005).

No total do PIB industrial, segundo o IBGE, a construção civil já chegou a representar 8,7% no total e 13,08% do total do PIB brasileiro em 2010. Porém, desde 2014 o setor da Construção Civil vem apresentando resultados negativos e sucessivos, chegando a ter uma redução de 27,69% no período de 2014 a 2018, chegando a representar 3,82% do PIB brasileiro em 2018.

Mesmo com esse cenário, a Construção Civil será sempre uma esperança para a retomada do crescimento econômico brasileiro. As estimativas indicam uma retomada dos resultados positivos.

3.1.1 Geração de empregos formais

Nos últimos anos, a construção civil se consolidou como um dos maiores setores de atividade econômica no país. Sendo assim, o avanço desse setor proporciona a elevação do crescimento econômico.

Segundo dados do Ministério do Trabalho (2011), o setor da construção civil é um dos maiores responsáveis pela geração de empregos no país, tanto direto quanto indireto, logo, esse setor é considerado por todos como uma luz no fim do túnel em momentos de crise.

Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) divulgados pelo Ministério da Economia, no primeiro trimestre de 2019, a construção civil gerou cerca de 57 mil empregos de carteira assinada, ficando atrás somente da agropecuária e a indústria com 75 mil e 69 mil vagas respectivamente.

3.2 Gênero na construção civil

3.2.1 Definição

Segundo Ferreira (1986), do ponto de vista gramatical, a definição de gênero se dá pela “categoria que indica, por meio de desinências, uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas” (FERREIRA, 1986, p. 844). Porém, dependendo da ótica, pode ser agregado ao significado de costumes/ideias.

Sendo assim, pode-se acrescentar à definição de gênero alguns sentidos mais amplos, como “caracteres convencionalmente estabelecidos” e “atividades habituais decorrentes da tradição” (FERREIRA, 1986, p. 844).

3.2.2 Utilização da categoria de gênero na construção civil

A entrada da mulher no setor da construção civil significa um rompimento de padrões historicamente e culturalmente determinados, pois até então essa carreira era tida como de predominância masculina. Para não abrir mão de sua escolha profissional, fez-se necessário modificar as crenças quanto aos padrões de gênero dentro da família, escolas e trabalho. (LOMBARDI, 2005).

O uso da categoria gênero é comumente utilizada e entendida como ferramenta para distinção no meio profissional. Culturalmente, é posto que existam situações de vulnerabilidade às mulheres, onde determinado tipo de emprego as tornam suscetíveis a sofrer com discriminação, assédio e desrespeito. (LOMBARDI, 2017)

Segundo Kér goat (1998), compreende-se que as relações entre os dois sexos na sociedade aparecem em forma de relações de poder. Felizmente, no decorrer dos últimos anos, o equilíbrio que gira em torno dos dois grupos a respeito da divisão sexual do trabalho na engenharia vem se alterando em passos lentos a favor das mulheres.

Analisando a afirmativa anterior, Lombardi (2017), pesquisadora sênior na área da Sociologia do trabalho, com ênfase em Estudos de Gênero, relata que alguns estereótipos de gênero que dificultavam o ingresso delas em certas áreas de conhecimento e de trabalho, em

algumas atividades e atribuições, foram questionados socialmente e perderam parte do poder de intimidação nesse período de tempo.

Contudo, nesse processo a divisão do trabalho por gênero no setor da construção civil definiu outras faces, atribuindo trabalhos diferentes com valores diferentes a engenheiros e engenheiras. Esses atributos se expressam por meio de expectativas, conceitos e preconceitos, formas de tratamento, visões de mundo, etc.

De um modo geral, a presença da mulher no setor da engenharia civil ainda causa conflitos entre subordinados e os próprios colegas de profissão. Segundo Lombardi (2006), os engenheiros resumem sua opinião em que as mulheres engenheiras não combinam com o setor, onde existe um ambiente hostil, trabalho pesado, falta de infraestrutura e a possível ocorrência do assédio sexual e moral.

3.3 Feminização da Engenharia Civil

Entende-se como feminização, um processo histórico, que mostra alguma regularidade ao longo do tempo, situado em um campo de trabalho de homens ou, historicamente, com inexpressiva presença feminina e não necessariamente atrelado à evolução numérica (LE FEUVRE, 2005).

3.3.1 Feminização numérica

A entrada da mulher nesse campo é, sem dúvida, uma afronta às antiquadas relações sociais enfrentadas pelo sexo feminino na sociedade como um todo, onde antes a mulher configurava-se apenas como mães, donas de casa e professoras, agora tem a oportunidade de ocupar posições de poder.

Em um mercado de trabalho até então exclusivamente masculino, mulheres estão ocupando cargos de engenheiras, arquitetas, pedreiras, operadoras de máquinas, técnicas, instaladoras e até mesmo em posições de poder dentro do setor da construção civil.

Bruschini (1999; 2000; 2007) realizou algumas pesquisas sobre as ocupações femininas em setores com algum prestígio na sociedade, como engenharia, direito, arquitetura e medicina. Tendo como base os dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS (1993 a 2004), Bruschini apontou um crescente aumento de profissionais egressas no setor.

Na área do Direito, as mulheres ocupavam 22,5% dos cargos em 1993, e em 2004 chegaram a ocupar 34%. Na arquitetura houve um aumento significativo, em 2004 elas chegaram a ocupar 54% dos cargos. Já no caso das engenharias, em 1993 as mulheres

ocupavam 12% dos postos de trabalho disponíveis, e em 2004 ocupavam 14%, como mostra o Gráfico 1.

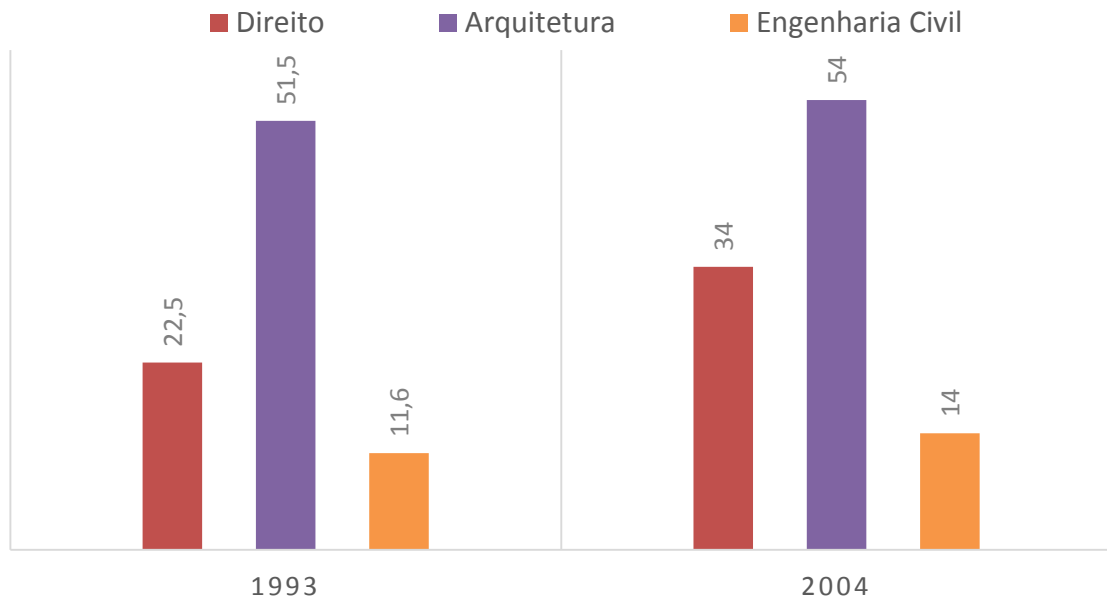


Gráfico 1 – Evolução feminina no mercado de trabalho (BRASIL. Ministério do Trabalho: Relação Anual de Informações Sociais, 2013)

Porém, a feminização numérica não é sinônima de igualdade. Esse aumento indica apenas a diminuição da exclusão de um sexo em relação ao outro e não altera a divisão sexual do trabalho nem as relações de poder (FORTINO, 2009).

Essa resistência à inserção e integração das mulheres nesse setor ainda é presente e pode ser percebida pelo ritmo lento quando se fala de ocupação de vagas e matrículas em cursos de graduação presenciais de engenharia civil. Segundo estatísticas divulgadas pelo Censo do Ensino Superior do Ministério da Educação, o número de matrículas que representam a parcela feminina cresceu 5,4% em um intervalo de 12 anos (2000 a 2012).

3.3.2 Ocupação de empregos formais

De acordo com dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS (1993 a 2004), em um período de 10 anos, apenas 3% dos postos de trabalho no setor foram ocupados por mulheres. Se for comparar com alguns setores de prestígio na atualidade, nesse mesmo ano, 44,4% dos empregos formais em medicina eram ocupados por mulheres, já no direito, essa taxa subia para 51%.

Essa baixa percentual só denuncia a resistência da mulher em se inserir nesse setor. Alguns estudos como o de Marques (2010), Cascaes, (2010), Tadm (2011) e Lombardi (2017), relatam que as engenheiras estão distanciadas horizontalmente e verticalmente dos colegas de profissão do sexo oposto. Essas têm sido algumas das razões que são utilizadas para justificar a baixa presença da mulher nesse setor.

Outra explicação utilizada para justificar essa disparidade no número de representantes do gênero feminino no setor da engenharia, está relacionada com a origem histórica da profissão. Segundo um diagnóstico apresentado por Lombardi (2005), a partir das análises de Telles (1994), o nascimento da engenharia moderna está relacionado ao poder bélico. As construções dos instrumentos de guerra estão diretamente ligadas à engenharia civil. Os armamentos eram ensinados e construídos primordialmente nas academias militares, onde eram e ainda são espaços masculinos, em razão das questões relativas à defesa e a guerra.

3.3.3 Ambiente de trabalho

Na engenharia civil, as profissionais formadas muitas vezes preferem focar suas carreiras na área de projetos. Engenheiras civis que optam por trabalhar nos canteiros de obras estão sempre em menor número. Grande parte sofre algum tipo de constrangimento, assédio e tem a sua credibilidade diariamente posta em prova.

Inevitavelmente há um padrão de gênero que colaboram com estereótipos de como a mulher deve ser e agir em um ambiente de trabalho repleto de homens.

Logo, a imagem negativa sobre o ambiente de trabalho tem sido uma desmotivação à inclusão da mulher nesse setor, principalmente quando se trata dos canteiros de obra.

Segundo Lombardi (2017), as engenheiras de obras são vistas e se veem como exceção, possuidoras de personalidade peculiar que favoreceria aquela inserção; além disso, a dita condição de excepcionalidade desse reduzido contingente não chega a atrair outras mulheres e tende mesmo a afastá-las.

3.4 Assédio moral, sexual e de gênero na construção civil

3.4.1 Assédio moral e sexual

Em um universo onde a predominância é masculina, muitas mulheres que decidem entrar o setor da construção civil passam por algum tipo de constrangimento.

As desigualdades sofridas pelas mulheres não se restringiram somente ao mercado de trabalho; também se observa no tocante aos direitos sociais, que denominam as mulheres como esposas e mães, papel com pouco valor econômico, uma relação de total dependência do sexo masculino no tocante ao acesso à proteção social, sendo a mulher vista como subordinada ao trabalho doméstico (WAJNMAN; PERPÉTUO, 1997; BRUSCHINI; LOMBARDI, 2000; LEONE, 2003; BRUSCHINI, 2006; 2007; LEONE; BALTAR, 2010).

O assédio moral se caracteriza com praticar, reiteradamente, contra o trabalhador o ato capaz de ofender a sua dignidade e causar-lhe dano físico ou psicológico (Código Penal, art. 203-A).

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) assume que há assédio moral quando

Uma pessoa se comporta com intenção de rebaixar o outro, mediante meios vingativos, cruéis, maliciosos ou humilhantes. Esses atos podem estar dirigidos contra uma pessoa ou contra um grupo de trabalhadores. Trata-se de uma prática em que as críticas ao outro são repetitivas, visando desqualificá-lo e menosprezá-lo, isolando-o do contato com o grupo e difundindo falsas informações a respeito da pessoa. (HELOANI; BARRETO, 2015, p. 147).

O machismo estabelecido na sociedade abre brechas para que esse conceito reflita nas atitudes profissionais. As situações de exploração no trabalho, estranhamentos entre colegas de trabalho e discussões sobre vida e corpo das mulheres são comuns no ambiente de trabalho.

Segundo Pezé (2001), o assédio moral é uma técnica deliberada de destruição emocional do outro, tendo em vista fins econômicos e pessoais, cujos efeitos são acentuados na economia globalizada, com a intensificação do trabalho, a desestabilização das relações de trabalho e o desmanche das estratégias coletivas de defesa nos locais de trabalho e nas instâncias de representação sindical. O assédio moral no ambiente de trabalho induz ao sofrimento psicológico da vítima

Em um setor onde a predominância é do sexo masculino, o assédio contra as engenheiras é ainda mais grave, pois se pode acrescer o assédio sexual. De acordo com Barros (1998) o assédio sexual se caracteriza como incitações de natureza sexual de qualquer tipo que violem a dignidade, intimidem ou humilhem o/a trabalhador/a.

Esse aspecto se configura como uma das maiores barreiras a ser enfrentado pelas mulheres que decidem ingressar no setor da construção civil. A luta contra o machismo estabelecido na sociedade e nas práticas profissionais ao longo dos anos é sem dúvida, o maior desafio a ser enfrentado pelas profissionais.

Apesar do assédio sexual se caracterizar como crime, conforme artigo 261 da Lei 10.224 de 15 de maio de 2001, esse tipo de coação é difícil de ser levado a sério e de ser comprovado perante a lei, já que na maioria das vezes ocorre de forma silenciosa. Em uma pesquisa de campo realizada por Luciano, Tette e Neto (2018) intitulado *Mulheres na Construção Civil: Apoderamento, inserção e dilemas de carreira*, os autores relatam que na maioria das vezes, a mulher prefere pedir demissão a fazer uma denúncia formal.

As desigualdades sofridas pelas mulheres não se restringiram somente ao mercado de trabalho; também se observa no tocante aos direitos sociais, que denominam as mulheres como esposas e mães, papel com pouco valor econômico, uma relação de total dependência do sexo masculino para acesso à proteção social, sendo a mulher vista como subordinada ao trabalho doméstico (WAJNMAN; PERPÉTUO, 1997; BRUSCHINI; LOMBARDI, 2000; LEONE, 2003; BRUSCHINI, 2006; 2007; LEONE; BALTAR, 2010).

3.4.2 Vida familiar e conjugal x escolhas profissionais

Outro fator que interfere e muito na vida das mulheres que lutam por esse espaço é o impasse com os companheiros e maridos. Não obstante as dificuldades encontradas em se relacionar com os colegas de trabalho, diante de uma cultura machista, os maridos e companheiros não costumam apoiar a decisão da mulher em se inserir em um mercado de trabalho predominantemente masculino, que por sua vez decidem abandonar o emprego.

Abaixo segue um trecho da dissertação do mestrado de Daniela Romcy (2013), intitulado *Fala que nem homem: gênero e poder em uma obra da construção civil*, onde realiza um estudo em um canteiro de obras localizado em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, Brasil, estudando conflitos e hierarquias para pensar a masculinidade. Esse trecho relata a dificuldade da mulher operária em conciliar trabalho com casamento.

“Duas semanas antes da reforma terminar, em uma segunda-feira de tempo nublado, eu cheguei ao ponto comercial cedo, como de costume, e avistei os mestres de obras conversando com dois pedreiros, todos próximos ao contêiner administrativo em volta do automóvel (Kombi) da empresa. Estranhei aquela cena, mas não dei muita importância; cumprimentei todos eles com um bom dia e me dirigi, como fazia costumeiramente, para guardar os meus pertences no container da administração. Ao chegar, notei que a porta estava fechada, o que não era normal, já que 158 havia vários trabalhadores ali. Mas como já havia acontecido antes de eu chegar lá e o container estar fechado, empurrei a porta para ter certeza. Ao fazer isso avistei Fabiana, uma das engenheiras chefes da obra com o engenheiro responsável com caras sérias. No momento em que me avistaram

pararam abruptamente de falar, logicamente eu percebi o mal-estar.

Um pouco depois disso Fabiana saiu do contêiner e veio falar comigo. Calma, ela me informou que estava saindo, que havia conversado com Luís, que era o engenheiro responsável e que iria continuar na empresa, mas na capital, onde ficaria perto de sua família, contudo que eu não me preocupasse, pois se quisesse poderia continuar minha pesquisa até o final, mesmo sem que ela estivesse mais ali. Mostrou-se bem preocupada e até um pouco triste por deixar a obra quase no final, mas segundo suas palavras teve que escolher: ou ela ficava com o emprego, ou com o casamento. (Romcy, 2013, pg. 92/93).

Segundo Evetts (1994), em uma amostra de engenheiras foram encontrados diversos arranjos na busca de ajustes entre a vida familiar e pessoal e a vida profissional. Houve engenheiras que em razão da carreira decidiram adiar ou rejeitar a maternidade e algumas optaram pela vida celibatária; outras decidiram por uma carreira com ascensão mais lenta, pois entre a promoção e a família deram prioridade à vida familiar e aos filhos e, finalmente, para algumas cujo enfoque foi desde o início a carreira, essa questão não chegou a ser posta.

Presumindo que dentro da cultura atual os homens que são engenheiros e trabalham fora contam com suas esposas para lhes dar um suporte no lar, as mulheres engenheiras que também trabalham fora não podem contar com esse mesmo tipo de apoio, tendo que se tornarem elas mesmas o suporte dentro de casa.

A falta de equilíbrio entre a vida pessoal e profissional atinge principalmente as mulheres. No que diz respeito ao direito à maternidade, de acordo com uma pesquisa de campo realizada por Lombardi (2006), muitas profissionais interrompem os estudos para se dedicar à maternidade.

Lombardi (2017) ainda destaca que a receita para ser uma engenheira bem-sucedida na profissão, deve agir de forma destemida como o modelo masculino, de forma proativa e protagonista, demonstrando ser capaz técnica e administrativamente, ter personalidade forte e se impor com respeito e, sobretudo, estar sempre disponível para o trabalho, mesmo com filhos, grávida ou indisposta e sendo, como mulher, a responsável final pela organização da vida familiar e conjugal.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Buscando a síntese dos conceitos fundamentais que contribuem para o desenvolvimento do projeto, foi realizado uma revisão bibliográfica das produções científicas já publicadas que abordavam o tema de inclusão da mulher no setor da construção civil no Brasil através de um

levantamento na biblioteca eletrônica Scientific Electronic Library Online (SciELO) e na plataforma do Google Acadêmico, que contemplam uma ampla compilação de trabalhos publicados.

Para chegar a um resultado, utilizaram-se os seguintes filtros de pesquisa.

- Palavras chave: construção civil; feminização na engenharia; relações de trabalho; assédio de gênero.
- Período da publicação: 2009 a 2019
- Tipo de documento: artigo
- Idioma: Português

Na primeira tentativa de pesquisa na biblioteca online SciELO, utilizando os filtros de pesquisa, nenhum resultado foi gerado, demonstrando que as publicações sobre a inclusão da mulher engenheira no mercado de construção civil ainda é pouco explorado e pouco divulgado.

Partindo para outro banco de dados, foi feito um segundo levantamento na biblioteca Google Acadêmico. Conduzindo a busca utilizando as palavras chave “construção civil” + “feminização na engenharia” + “relações de trabalho”, foi encontrado um total de 1.410 resultados. Quando se adicionou a palavra chave “assédio de gênero” e este número foi reduzido para 279. Porém, somente 6 artigos foram identificados conforme os parâmetros de classificação que se enquadram para a análise deste artigo.

Nesse levantamento, priorizaram-se os resultados encontrados na plataforma Google Acadêmico, por apresentar uma quantidade significativa de publicações que contribuem para o desenvolvimento e análise do artigo.

4.1 Mapeamento das produções acadêmicas

No que tange às dissertações encontradas e que foram submetidas à análise, as produções foram identificadas, analisadas e apresentadas no quadro 1, identificando-as por ano de publicação, nome do artigo/autor, objetivo da pesquisa, problemática, hipóteses, metodologia e referencial teórico.

Quadro 1. Mapeamento da produção acadêmica

Ano de publicação	Nome do Artigo / Autor	Objetivos	Problema ou questões de pesquisa	Hipóteses	Metodologia	Referencia l Teórico
2013	Fala que nem homem: Gênero, poder e honra em um canteiro de obras. Daniela Romcy	Entender as hierarquias no trabalho as diferenças sociais e as estratégias de interação na sociabilidade e de profissionais chefiados por mulheres.	Ser homem ou ser mulher em um canteiro de obras definiu a priori em um contexto social de interação?	Ainda por ser um ambiente marcadamente masculino, como funciona na prática o aumento do contingente de mulheres nos cargos de engenheiras.	Trabalho realizado a partir de método etnográfico, durante seis semanas de imersão em campo.	Bruschini (1999) – Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras : mulheres em carreiras profissionais de prestígio. Bruschini (1992) - Uma questão de gênero.
Ano de publicação	Nome do Artigo / Autor	Objetivos	Problema ou questões de pesquisa	Hipóteses	Metodologia	Referencia l Teórico
2014	As mulheres na construção civil: algumas notas a partir de um trabalho de campo. Daniela Romcy, Jurema G. Brites	Pensar os lugares das mulheres na construção civil.	Estudar os conflitos e hierarquias de um espaço com predominância visivelmente masculina e as relações de gênero neste espaço.	Como é a convivência dentro de um canteiro de obras?	Revisão bibliográfica partindo da dissertação de mestrado da Daniela Romcy	Romcy (2013) - Fala que nem homem: gênero e poder em uma obra da construção civil

Ano de publicação	Nome do Artigo / Autor	Objetivos	Problema ou questões de pesquisa	Hipóteses	Metodologia	Referencia l Teórico
2016	Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. Maria Rosa Lombardi	Analisar a evolução da presença feminina no emprego e nas escolas de engenharia.	Discutem-se alguns dos limites de gênero com que as engenheiras se deparam na sua inserção no mercado de trabalho e no desenvolvimento de suas carreias.	Procura identificar a evolução da sua participação no mercado de trabalho e conhecer como os/as engenheiros/as analisavam suas experiências profissionais.	Análise de estatísticas oficiais sobre empregos formais, matrículas e conclusões em curso de graduação em engenharia e entrevistas com 33 engenheiros e dirigentes sindicais.	Kérgoar (1998) - Relações sociais de gênero.
Ano de publicação	Nome do Artigo / Autor	Objetivos	Problema ou questões de pesquisa	Hipóteses	Metodologia	Referencia l Teórico
2017	Engenheiras na Construção Civil: A feminização possível e a discriminação de gênero. Maria Rosa Lombardi	Tem por objetivo conhecer o trabalho das engenheiras procurando identificar eventuais transformações nas relações e condições de trabalho.	Discute-se o processo de feminização das engenharias no Brasil e a imbricação da identidade profissional do/a engenheiro/a de obras permeadas de práticas de assédio moral e sexual.	A feminização numérica não é sinônima de igualdade, indica apenas a diminuição da exclusão de um sexo em relação ao outro e não altera a divisão sexual do trabalho e nem as relações de poder.	Entrevistas com profissionais de diversas faixas etárias com foco nas desigualdades de gênero. A comparação é feita utilizando apenas a análise dos dados.	Heloani, Barreto (2015) - Assédio moral nas relações sociais no âmbito das instituições públicas. Kergoat (2009) - Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo.

Ano de publicação	Nome do Artigo / Autor	Objetivos	Problema ou questões de pesquisa	Hipóteses	Metodologia	Referencia l Teórico
2018	Mulheres na Construção Civil: Apoderamento, Inserção e Dilemas de Carreira. Daniela Dornelas Luciano, Lorena Sena Tette, Silvino Paulino dos Santos Neto.	Verificar como se dá a presença feminina nos canteiros de obra.	O artigo trata do apoderamento da profissão, dos dilemas e dificuldades da inserção das mulheres no mercado de construção civil em Belo Horizonte.	Como o comportamento machista e hostil influencia na participação das mulheres que atuam no setor.	Utilizou como ferramenta um roteiro de entrevistas semiestruturadas construídos com base de carreira, empoderamento e dilemas.	Bruschini (1985 a 1995) - Gênero e trabalho feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? Bruschini,
Ano de publicação	Nome do Artigo / Autor	Objetivos	Problema ou questões de pesquisa	Hipóteses	Metodologia	Referencia l Teórico
2019	Trabalho na construção civil no Brasil: Feminização, segmentação e consubstancialidade. Maria Aparecida Sanches Silva Jorge	Analisar o processo de feminização e segmentação do trabalho das mulheres em suas ocupações, tanto nos cargos de chefia como no trabalho manual.	Analisar o processo de inserção das mulheres no setor de edificação no Brasil nas ocupações que exigem escolaridade de nível superior.	Como se processa a segmentação de suas carreiras e a consubstancialidade de gênero, classe e raça que promovem a redução das oportunidades das mulheres no setor.	Abordagem qualitativa e quantitativa. Foram feitas entrevistas mediante técnica de amostragem, análise e cruzamento de dados.	Bruschini (1985 a 1995) - Gênero e trabalho feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? Bruschini, Lombardi (1990) - Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro. Hirata (2012) - Nova divisão sexual do trabalho.

A análise das produções proporcionou identificar elementos como a falta de credibilidade, práticas de assédio sexual e moral, conflitos entre vida pessoal e profissional, estratégias de interação e sociabilidade entre colegas de profissão e hierarquias de trabalho. Elementos esses que auxiliam na compreensão de como funciona o processo de inserção da mulher no setor da construção civil antes e durante a construção da sua carreira profissional.

4.2 Feminização numérica

A feminização de um campo de trabalho é um processo histórico que mostra alguma regularidade ao longo do tempo, situado em um campo de trabalho de homens e com inexpressiva presença feminina (LE FEUVRE, 2005).

Sobre a feminização do setor da construção civil, todos os autores concordam que houve um crescimento na participação feminina no setor. Luciano, Tette e Neto (2019) afirmam que no período de 2004 a 2013, o crescimento do número de postos de trabalho da engenharia ocupados pelas mulheres foi de 124,8%. Segundo os autores, a presença feminina tem crescido devido aos seus atributos profissionais e pela existência de leis para empregá-las na construção.

Romcy e Brites (2014) acreditam que o crescimento da mão de obra feminina é devido ao crescimento do setor, esse impulsionado pelo aumento dos investimentos públicos em obras de infraestrutura, aumento do crédito, queda das taxas de juros e redução dos impostos. Segundo as autoras, no período de 2010 a 2011 houve um aumento de 5,93% no número de mulheres com carteira assinada no setor da construção civil.

Porém, contraponto as estatísticas, Lombardi (2017) expõe a visão de que o aumento da presença feminina no setor da construção civil não é sinônimo de igualdade, indica apenas que a exclusão de um sexo em relação ao outro está diminuindo com o passar dos anos, mas isso não altera a divisão sexual do trabalho e nem as relações de poder. Lombardi explica que mesmo que a presença feminina no setor esteja em ascensão, a mulher ainda sofre com práticas de assédio sexual e moral, remuneração inferior aos dos homens e com a discriminação de gênero.

4.3 Estratégias de interação

Em sua pesquisa de campo para sua dissertação de mestrado, Romcy (2013) procura entender como se dá as estratégias de interação adotadas pelas engenheiras para serem respeitadas

dentro do canteiro de obras. Segundo a autora, na visão dos operários, o que eles respeitam naquele espaço é uma "mulher séria", honrada e que principalmente obedecem as hierarquias de gênero, não mandando e nem humilhando os homens em condições subalternas. Logo, as mulheres presentes na obra adotam essa postura para que sejam respeitadas pelos operários. Porém, Romcy revela que essa mesma postura não é adotada pelos outros engenheiros presentes no canteiro de obras.

Para Lombardi (2017), a cultura profissional das engenheiras é fortemente marcada pela masculinidade dominante, logo, é crucial a forma de agir de ambos os sexos para a integração, porém, a integração tende a se tornar mais fácil para a maioria dos homens e mais difícil para a maioria das mulheres. A convivência no local de trabalho é mais difícil para as mulheres.

Segundo Lombardi (2017), nesse setor, as engenheiras devem sempre se mostrar discretas no meio de trabalho e “controladas”, sabendo dosar firmeza com suavidade, capacidade técnica com sutileza, estresse com razão. Caso isso não aconteça, serão alvos de comentários machistas e misóginos, atacando a sexualidade, feminilidade, maternidade e sempre relacionando as alterações de humor com a tensão pré-menstrual (TPM).

A autora relata que em sua pesquisa que muitas engenheiras trabalham mais que os engenheiros e aceitam qualquer tipo de trabalho para provar que “dão conta”, uma vez que sua capacidade técnica é constantemente contestada.

Em suma, ambas as autoras Lombardi (2017) e Romcy (2013) concordam que as exigências que caem em cima da engenheira civil são muito maiores do que as que caem sobre um engenheiro civil.

4.4 Assédio moral e sexual

Segundo alguns autores, a prática do assédio e moral é uma rotina na vida da engenheira civil. Sobre o assédio moral, Romcy (2017) revela que no setor da construção civil, é comum engenheiras civis se submeterem a trabalhar além do horário contratual e em finais de semana, a receber salários inferiores aos condizentes com sua formação de engenheiro, a serem contratados como Pessoa Jurídica segundo a conveniência das empresas, trabalhar em ambientes desconfortáveis ou insalubres, com desgaste físico e prolongado. Além disso, tem que se habituar ao linguajar rude e desrespeitoso dos colegas de profissão e principalmente dos chefes, carregados de xingamentos, depreciacões, afirmações autoritárias e machistas.

Romcy ainda revela em sua pesquisa que na maioria das vezes, a prática de assédio moral vem dos colegas de profissão e dos chefes, quase nunca dos subordinados, quase sempre contestando a capacidade técnica feminina, identificando comportamentos que seriam reprováveis porque remetem a um modelo feminino, ou porque remetem a um modelo masculino. Ambos estereotipados.

Contestando essa afirmação, em sua pesquisa exploratória, Luciano, Tette e Neto (2019) revelam que todas as entrevistadas relataram que já sofreram ou presenciaram práticas de assédio no canteiro de obras pelos subordinados. Segundo os autores, a atitude machista dos colegas de trabalho é minimizada com expressões do tipo: "brincadeiras de mau gosto", "piada sem graça", "é da natureza deles".

No tocante ao assédio sexual, Segundo Romcy (2017), quando questionado às engenheiras sobre práticas de assédio sexual, a primeira reação foi afirmar que nunca sofreram esse tipo de discriminação. Porém, no decorrer da entrevista, elas foram identificando situações que aconteceram. Esse tipo de atitude reforça a tese da naturalização e minimização das situações de assédio sexual vividas pelas engenheiras no setor da construção civil.

Em uma das suas entrevistas, Romcy (2017) revela que casos de assédio sexual acontecem em forma de "cantadas e piadas de mau gosto", sempre sexualizando o corpo da mulher, sua aparência e forma de agir. Segundo a autora, foi identificado que as práticas de assédio moral e sexual fazem parte da construção da identidade profissional do engenheiro e da engenheira civil.

Luciano, Tette e Neto (2019) concordam quando dizem que as atitudes machistas presentes no canteiro de obras são minimizadas pelas vítimas. Muitas consideram essas práticas como um "pedágio" a ser pago caso elas queiram continuar na profissão. Os autores relatam ainda que, muitas vezes quando as profissionais identificam situações de assédio sexual, preferem não relatar o ocorrido à empresa, pois tem medo de perder o emprego.

4.5 Diferença salarial

Apesar da legislação brasileira, em seu artigo 7º, inciso XXX da Constituição Federal de 1988, proibir a diferença salarial relacionada ao sexo, idade, cor ou estado civil, alguns atores abordam o tema de formas diferentes.

Jorge (2019) analisou dados do IBGE (Estatísticas de gênero, 2018), onde diz que em média, as engenheiras receberam em 2016 cerca de 76,5% do salário recebido pelos homens.

Segundo a autora, essa explicação se dá pelo fato das mulheres ocuparem em menor proporção os cargos de chefia, consequência dos fatores de discriminação de gênero no ambiente de trabalho.

Luciano, Tette e Neto (2019) por outro lado, discordam das duas autoras. Segundo eles, nas entrevistas, as entrevistadas relataram que não existe defasagem salarial em relação ao gênero, somente por profissão.

4.6 Vida pessoal e familiar x profissional

Em alguns casos, a construção da identidade profissional das engenheiras entra em conflito com a vida pessoal, principalmente no tocante a maternidade.

Segundo Lombardi (2009), as maiorias das engenheiras reconhecem que a fim de conjugar a vida familiar e a carreira, foi necessário fazer escolhas entre a profissão e a vida pessoal. A autora relata que houve casos de engenheiras decidirem adiar ou rejeitar a maternidade ou optaram pela vida celibatária, outras, decidiram por uma carreira com ascensão mais lenta, pois entre a família e a promoção, deram prioridade à família e filhos.

Lombardi (2009) conclui que mesmo após o início da carreira para as engenheiras, as interfaces da vida produtiva e reprodutiva continuam a ter maior importância para as mulheres, uma vez que os homens engenheiros contam com suas esposas para lhes dar um suporte em casa, as engenheiras tendem a ser o seu próprio suporte no lar, esse fato independe da escolha feita para lidar com a carreira, vida pessoal e familiar.

Luciano, Tette e Neto (2019) em sua pesquisa, abordam o tema e concluem que para as empresas, há um empecilho na contratação da mulher porque eles preferem mulheres que não tenham filhos para que não precisem faltar ao trabalho quando estes adoecem.

No que diz respeito à vida conjugal, Lombardi (2009) relata que em sua pesquisa, houve casos de engenheiras que recusaram oportunidades de trabalho, pois o cônjuge não aceitava a ideia de transferência de cidade. Em suma, a autora conclui que nesses casos, tem-se a ideia de que a mulher acompanha o marido, mas o marido não acompanha a mulher.

Em sua dissertação de mestrado, Romcy (2013) conclui algo parecido, quando a engenheira responsável pela obra teve que pedir transferência para a cidade onde o marido estava, pois segundo suas palavras teve que escolher "ou ela ficava com o emprego ou com o casamento".

Luciano, Tette e Neto (2019) relatam que para as entrevistadas, não há interferência negativa do casamento no trabalho.

Jorge (2019), explica que as engenheiras que necessitam conciliar trabalho remunerado com trabalho doméstico e cuidados, em muitos casos acabam por trabalhar em ocupações com carga horária reduzida, reduzindo as chances de ocupar cargos de poder, Lombardi (2017) explica que para ser considerado engenheiro "de verdade", deve-se estar sempre disponível para o trabalho.

Jorge (2019) conclui que as mulheres perdem espaço no mercado de trabalho porque as empresas olham sempre a competência, dedicação e disponibilidade, independente do gênero. O homem acaba por se dedicar mais ao trabalho porque está livre de obrigações como casa, filhos e gravidez, portanto, ganhando mais espaço no mercado.

É interessante notar que a autora, mesmo querendo passar uma ideia de igualdade, demonstra outra realidade, já que a grande maioria dos que ocupam cargos de chefia são homens. É culturalmente posto que as mulheres sejam as únicas responsáveis pelas atividades do lar e pelos filhos, uma ideia machista e ultrapassada.

Luciano, Tette e Neto (2019) em sua pesquisa afirmam que apenas uma, das cinco entrevistadas afirmou ter as tarefas domésticas divididas por igual com o cônjuge.

4.7 Discriminação por gênero

No segmento da engenharia civil, a presença das engenheiras ainda causa certa estranheza. Lombardi (2009) relata em sua pesquisa que ser homem engenheiro ou uma mulher engenheira não são a mesma coisa no trabalho. Segundo a autora, essa estranheza se dá principalmente junto aos colegas de trabalho e não com os operários. Em sua dissertação de mestrado, Romcy (2013) afirma também que a discriminação de gênero parte dos colegas engenheiros e dos chefes.

Segundo Lombardi (2009), os engenheiros civis argumentam que as mulheres engenheiras não combinam com o canteiro de obras: um ambiente hostil, trabalho pesado e a falta de infraestrutura de alojamentos e sanitários para atendê-las.

Em seu outro trabalho, Lombardi (2017) reforça a ideia trazida por Luciano, Tette e Neto (2019) de que os episódios de discriminação e exploração no trabalho são minimizados e naturalizados pelas engenheiras, pois quando questionadas, inicialmente dizem que nunca sofreram esse tipo de discriminação, mas no decorrer da elaboração da pesquisa, aos poucos elas vão se lembrando de episódios e situações vividas.

As dificuldades sofridas pelas engenheiras na construção da sua identidade profissional são um alerta para as discriminações no trabalho sob a concepção de gênero, e

aparece como um desafio a ser vencido as maneiras que se constroem as carreiras profissionais de homens e mulheres na engenharia civil.

O gráfico abaixo possibilita identificar a recorrência com maior frequência dos termos trabalho, mulheres, construção, civil, gênero e assédio. Em uma primeira interpretação, é possível refletir sobre os principais problemas sofridos pelas mulheres que entram no setor da construção civil: o assédio, seja ele moral, sexual ou de trabalho, e a discriminação de gênero, conforme tem mostrado as pesquisas ao longo dos anos.



Gráfico 2. Nuvem de palavras por critério de repetição e posição no contexto das outras palavras.

No decorrer da elaboração da pesquisa, foi possível identificar que esses temas foram os mais debatidos e analisados pelos autores, o que reforça a ideia de que o assédio e a discriminação de gênero são uma batalha a ser vencida pelas mulheres que optam por trabalhar no setor da construção civil.

5 CONCLUSÃO

Pode-se afirmar que a realização da pesquisa fez uma análise sobre o processo de inclusão da mulher no mercado de trabalho do setor da construção civil, as dificuldades sofridas durante esse processo de inserção, relações de trabalho e a dificuldade de conciliar a vida pessoal com a vida profissional. A pesquisa indica que práticas de assédio moral, sexual e a discriminação de gênero no trabalho são considerados comuns na construção da identidade profissional da engenheira civil.

A feminização numérica é algo presente no setor. É notório o crescimento da participação feminina na construção civil, porém, o aumento da presença feminina não é sinônimo de igualdade. As mulheres estão mais presentes no mercado, porém não gozam dos mesmos privilégios que os seus colegas de trabalho do sexo masculino.

A construção da identidade profissional das engenheiras civis é fortemente marcada pela masculinidade tóxica e dominante, logo, a forma de agir com os colegas de trabalho e subordinados é crucial para a integração no meio de trabalho. Caso não ajam de acordo com a conduta estabelecida, não serão respeitadas.

No tocantes às práticas de assédio moral e sexual, alguns atores afirmam que essa conduta parte principalmente dos colegas de profissão, e não dos subordinados. Muitas vezes, ocorre em forma de “cantadas” e piadas de mau gosto, sempre sexualizando o corpo da mulher, sua aparência e forma de agir. Além disso, é comum encontrar profissionais que minimizam esses ocorridos, considerando essas práticas como um “pedágio” a ser pago caso elas queiram continuar na profissão.

A discriminação de gênero presente é algo explícito. A capacidade técnica feminina é constantemente depreciada e assim elas são obrigadas a trabalhar mais que os engenheiros e aceitando qualquer tipo de trabalho para conquistar uma posição de destaque no mercado de trabalho. Nesse setor, muitas vezes as engenheiras abrem mão do direito à maternidade para não ter que pausar a carreira e ser prejudicada por isso, ou abrem mão da licença maternidade para que não se ausente por um período muito longo e seja substituída.

Na elaboração do gráfico de nuvem, foi possível identificar os termos: trabalho, mulheres, construção, civil, gênero e assédio como de maior recorrência. Isso indica que esses termos são os mais debatidos e analisados pela comunidade científica brasileira, reforçando a ideia de que o assédio e a discriminação de gênero no âmbito da construção civil são coisas comuns para as engenheiras civis.

Apesar de alguns atores discordarem em alguns pontos, é seguro dizer que todos concordam que as divisões sexuais do trabalho existem e que estão longe de acabar.

Fica como principal sugestão para trabalhos futuros, uma pesquisa aplicando um questionário a todas as profissionais egressas no setor da construção civil. Isso porque, além de possibilitar o conhecimento do processo de inclusão na área, de certa forma, ainda irá promover o debate sobre as práticas de assédio e discriminação que constantemente são minimizadas pelos engenheiros e engenheiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO.L. Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária. In: HIRATA, H; SEGNINI, L. (Org.). Organização, trabalho e gênero. São Paulo: Ed SENAC, 2008.
- AFETO E DESIGUALDADE: Gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. Cadernos Pagu, nº 29, Jul/Dez. p. 91-109. 2007.
- AFETO, DESIGUALDADE E REBELDIA: bastidores do serviço doméstico. 2000. 239 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo, v. 6, p. 47. São Paulo. 2011.
- BARROS, Alice Monteiro de. O assédio sexual no Direito do Trabalho Comparado. Revista LTr, v. 62, n. 11, p. 1464-1476, nov. 1998.
- BRASIL, Constituição Federal (1988), Art. 7, inc. XXX. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10725856/inciso-xxx-do-artigo-7-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 01 de maio de 2019
- BRASIL. Ministério da Economia: Cadastro geral de empregados e desempregados. 2019.
- BRASIL. Ministério do Trabalho. Relação Anual de Informações Sociais. 2013.
- BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? In: ARAÚJO, C.; PICANÇO, F.; SCALON, C. (Org.). Novas conciliações e antigas tensões? Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada. BAURU, SP: EDUSC, 2006.
- BRUSCHINI, M. C. A.; LOMBARDI, M. R. A Bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. Cadernos de Pesquisa, n.110, p.67-104, jul. 2000.
- BRUSCHINI, M. C. A.; LOMBARDI, M. R.. Trabalho, educação e rendimentos das mulheres no Brasil em anos recentes. In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana. (Org.). Organização, trabalho e gênero. São Paulo: Senac, v., p. 42-87. 2008.
- BRUSCHINI, M. C. A.; RICOLDI, A. M.; MERCADO, C. M. Trabalho e gênero no Brasil até 2005: uma comparação regional. In: BRUSCHINI, C.; COSTA, A.; HIRATA. 2005.
- BRUSCHINI, M. C. A.; UNBEHAUM, S. G.; LOMBARDI, M. R. Trabalho, renda e políticas sociais: avanços e desafios. O Progresso das Mulheres no Brasil. Brasília: Fundação FORD e CEPIA, v. 1, p. 60-93. 2006.
- CASCAES, Tania R. F.; SPANGER, Maria Aparecida F. C.; CARVALHO, Marília G. de; SILVA, Nanci S. A invisibilidade das mulheres em carreiras tecnológicas: os desafios da engenharia civil no mundo do trabalho. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE CIÊNCIA, GÊNERO E TECNOLOGIA, 8., abril 2010, Curitiba. *Anais...* Curitiba, 2010.
- EVETTS, J. Women in engineering: the career identities or promotion-successfull women. In: LUCAS, Y.; DUBAR, C. (orgs.) Genèse et dynamique des groupes professionnels. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 844. 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p. 542. 2007.
- FLICK, U. Desenho da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed. 2009.
- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.
- FORTINO, S. Modernização no trabalho: conflitos sobre o sentido do trabalho e novas formas de penosidade. In: CESTEHE/ENSP - Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, 2009, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ENSP, 2009. Disponível em: Disponível em: <<https://goo.gl/UYmHdr>>. Acesso em: 16 de agosto de 2019.
- GERHARDT, Tatiana. Et Al. Métodos de pesquisa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.
- H.; SORJ, B.; (Org.). Mercado de Trabalho e Gênero: comparações internacionais. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p.20 .
- HELOANI; BARRETO, Roberto; Margarida. Violência, saúde e trabalho: a intolerância e o assédio moral nas relações laborais. n. 123, pg. 147. 2015.
- HUTCHINSON, Olivia. Quatro dúvidas sobre pesquisa primária e secundária. 2018. Disponível em: <<https://blog.euromonitor.com/quatro-duvidas-sobre-pesquisa-primaria-secundaria/>>. Acesso em: 20 de Agosto de 2019.

- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Anual da Indústria da Construção: São Paulo. 2018.
- JORGE, Maria Aparecida. Trabalho na construção civil no Brasil: Feminização, Segmentação e Consustancialidade. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.
- KÉRGOAT, D. La Division de travail entre les sexes. In: KÉRGOAT, J. et al. (orgs.) *Le Monde du travail*. Paris: La Découverte. p.319-327. 1998.
- LE FEUVRE, Nicky. La féminisation des anciens “bastions masculins”: enjeux sociaux et approches sociologiques. In: GUICHARD-CLAUDIC, Yvonne; KERGOAT, Danièle; VILBROD, Alain (Org.) *L’inversion du genre: quand les métiers masculins se conjuguent au féminin et réciproquement*. Rennes: PUR, 2005.
- LEONE, E.T. 2003. O trabalho da mulher em Regiões Metropolitanas Brasileiras. In: M.W. PRONI; W. HENRIQUE (orgs.). Trabalho, mercado e sociedade: o Brasil nos anos 90. São Paulo, Editora UNESP; Campinas, SP, Instituto de Economia da UNICAMP, p. 199-230. 2003.
- LOMBARDI, M. R. Perseverança e resistência: a engenharia como profissão feminina. Campinas.. Tese (dout.) Unicamp/Faculdade de Educação. 2005.
- LOMBARDI, Maria Rosa. Engenheiras Brasileiras: Inserção e limites de gênero no campo profissional. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- LOMBARDI, Maria Rosa. Engenheiras na construção civil: A feminização possível e a discriminação de gênero. vol. 47, n.163. 2017.
- LUCIANO; TETTE; NETO; Daniel, Lorena, Silvino. Mulheres na Construção Civil: Apoderamento, Inserção e Dilemas de carreira. Revista Pensar Engenharia, v.6, n.2, 2018.
- MARQUES, Rogério dos S. B. Engenharia e ambiente rural: o gênero na agronomia. In: SEMINÁRIO TRABALHO E GÊNERO, 3. Setembro 2010. Goiânia. *Anais...* Goiânia: UFG, 2010.
- MIOTO, LIMA; Regina, Telma. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica, v.10, 2007.
- PEZÉ, M. Contrainte par corps: lê harcèlement moral. Travail, genre et sociétés, Dossier: harcèlement et violence, les maux du travail, n. 5, p. 29-42, 2001.
- PRÊMIO CONSTRUINDO A IGUALDADE DE GÊNERO – Redações, artigos científicos e projetos pedagógicos premiados – 2013. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres. p. 58-87. 2013.
- REVISTA EDUCAÇÃO & REALIDADE, Porto Alegre, v. 20, n 2, p. 71-99, jul/dez. SILVA, Mayara Raquel, Construção civil: —Isso é coisa de mulher? “. 1995.
- ROMCY, Daniela. Et al. As mulheres na construção civil: algumas notas a partir de um trabalho de campo. 2013. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Maria – RS, 2013.
- ROMCY, Daniela. Fala que nem homem: Gênero poder e honra em um canteiro de obras. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.
- SCHERER, Flávia Luciane. A consolidação de empresas brasileira de construção pesada em mercados externos. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SERPA, Nara. A inserção e a discriminação da mulher no mercado de trabalho: Questões de gênero. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1265896752_arquivo_artigorevisao.pdf> Acesso em: 22 de agosto de 2019.
- SILVA, Tarcízio. O que se esconde por trás de uma nuvem de palavras? Tarcízio Silva, 2013. Disponível em: <<https://tarciziosilva.com.br/blog/o-que-se-esconde-por-tras-de-uma-nuvem-de-palavras/>> Acesso em: 06 de set, de 2019.
- TADIM, Magda Cristina Figueiredo. *A construção de identidade profissional das mulheres engenheiras mecânicas: um estudo de caso com egressas do CEFET-MG*. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte, 2011.
- Teixeira, L. P.; Carvalho, F. M. A. (2005), A construção civil como instrumento do desenvolvimento da economia brasileira. Revista Paranaense de Desenvolvimento, No. 109, pp. 9-26. 2005.
- TELLES, V. Sociedade civil e a construção de espaços públicos. In: DAGNINO, E. (org.). Os anos 90: política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense. 1994.
- WAJNMAN, S. PERPÉTUO, I.H. A redução do emprego formal e a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. Nova Economia, Belo Horizonte, v.7, n.1, 1997.